

ATOR E PROCESSO: TENDÊNCIAS DO CINEMA BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO

Walmeri Ribeiro

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP

Ator, co-criação, cinema.

Pensar o ator como criador, ou co-criador, de uma obra cinematográfica é estabelecer um jogo de possibilidades e relações entre as diversas áreas de uma produção. Do roteiro à direção, do figurino à direção de fotografia, um ator na condição de co-criador contribui com a dramaturgia, com a encenação (pensando em ação, tempo, ritmo), numa relação de apropriação da cena que está diretamente em diálogo com a proposta estética do filme e que ao mesmo tempo que interfere, propõe, recebe estímulos, transformando e sendo transformada.

Para entendermos a relação de co-criação do ator no cinema brasileiro contemporâneo, é necessário trazer para esta reflexão teorias do campo teatral, que tomam por base experiências e propostas relacionadas à arte do ator.

Antonin Artaud (1999) diz que o ator é um atleta afetivo, pois, “É preciso admitir, no ator, uma espécie de musculatura afetiva que corresponde a localizações físicas dos sentimentos”. Propondo assim, uma criação que se dá a partir do trabalho físico(corporal) do ator, Artaud acredita que qualquer ator possa, através desse conhecimento físico, alcançar a organicidade em cena. E que é essa organicidade que move o ator a contribuir para o desenvolvimento da encenação, estabelecendo uma relação de co-criação.

Grotowski (1989) em seus escritos sobre organicidade diz que o ator procura por uma corrente essencial de vida e que os impulsos estão profundamente arraigados dentro do corpo e, ao despertá-los, acontece o desbloqueamento que os encaminha para uma abundância que não é a mesma que utilizamos na vida diária. É esta abundância que conduz o ator a um corpo que transcende a funcionalidade cotidiana, ativando não somente os estímulos que compõem a ação, mas também a sensação que conduz o ator à emoção da personagem e da cena.

Essa busca pela organicidade do trabalho do ator, que podemos conferir nos pensamentos de Artaud e Grotowski, encontra-se presente na recente produção cinematográfica brasileira. Ao trazer para a equipe de produção um preparador de elenco, os diretores buscam aliar a essência do trabalho do ator à materialidade da cena em diálogo com a proposta estética do filme, numa relação de co-criação que se dá a partir de um trabalho físico intenso.

Colocar o ator em cena como co-criador do filme não apenas refere-se ao *locus* de criação do ator, mas, tomando o processo de criação em rede (Salles, 2006), a relação de co-criação alimenta e é alimentada por todas as etapas da criação cinematográfica e, essa relação vem sendo experimentada por uma geração de diretores brasileiros em busca de uma nova estética cinematográfica.

Bicho de Sete cabeças, Cidade de Deus e Contra Todos

No início do ano dois mil, a cineasta Lais Bodansky, diante de um projeto que envolvia uma temática

singular como a loucura e sendo seu primeiro filme longa-metragem, convidou o então diretor da companhia Ueinz de teatro, Sérgio Penna, para desenvolver um trabalho junto aos atores no filme *Bicho de sete cabeças*.

Com uma temática delicada, submergida do universo da loucura, o filme baseado no livro *O canto dos Malditos* de Austregésilo Carrano, conta a história de Neto, um adolescente paulistano que é internado pelo pai num manicômio, quando este descobre que seu filho está fumando maconha.

A preocupação em romper com a caricatura, mas ao mesmo tempo, diante da estética documental, induzir as pessoas a acharem que os pacientes psiquiátricos eram internos de verdade, enquanto estes eram atores profissionais, conduziu a diretora e o preparador de elenco Sérgio Penna a um trabalho intimista e minimalista com o elenco.

Penna diz, que durante a preparação propôs aos atores que eles fizessem um mergulho para descobrir a lógica, os rituais expressivos, o vocabulário e a sintaxe originais do manicômio, buscando na experiência pessoal de cada ator ecos, reverberações, solidão, melancolia e desejos, numa identificação densa e verdadeira.

Calcado em um processo experimental, pois “o filme teve um lado de invenção, realizado com muito estudo, muito rigor, mas também com muita intuição”(Penna, 2004), a preparação que partiu de um trabalho físico intenso aliado à respiração foi dando vida através das sutilezas dos movimentos, dos gestos, dos olhares e do silêncio a cada personagem.

O resultado deste processo de co-criação, no qual cada personagem nasceu no seu tempo, no seu espaço e da sua forma, mas num diálogo constante entre atores, direção e preparação, pode ser visto nas telas num filme com uma temática complexa, mas que deixa transparecer a cada cena o seu processo de criação.

Seguindo esta proposta de criação onde o experimental dá vazão ao aprofundamento dramático do filme, outra obra de singular importância é *Cidade de Deus* com direção de Fernando Meirelles e co-direção de Kátia Lund. Em busca de uma estética realista, os diretores optaram por trabalhar com não-atores e buscaram nas favelas do Rio de Janeiro o elenco do filme. Segundo Meirelles, os atores vivem no filme uma realidade que lhes é muito próxima e isso contribuiu para a estética do filme.

Analisando o processo de criação do filme, podemos ressaltar a importância de um elenco que trazia consigo histórias de vida, informações e experiências muito próximas do que seria vivido na ficção. O processo de preparação do elenco, que durou cerca de oito meses e contou com a preparadora de elenco Fátima Toledo e com diretor teatral Gutti Fraga, foi acompanhado pelos olhos atentos de Fernando Meirelles que buscou nas experiências trazidas pelos atores, os diálogos, os gestos e as ações que comporiam o roteiro do filme. Em nenhum momento os atores tiveram contato com o roteiro original, todas as cenas do filme nasceram a partir de um trabalho intenso com os atores, um trabalho de estímulo dado pela preparadora e pelo diretor, que resultou na construção das personagens e de algumas cenas.

Recheado de erros e acasos que (Salles, 2006:133) “provocam, portanto, uma pausa no fluxo da continuidade, um olhar retroativo e avaliações, que geram uma rede de possibilidades de desenvolvimento da obra” o processo de criação que envolve o ator-criador é um processo dinâmico que sofre, a todo momento,

interferências internas e externas.

Para esclarecer este pensamento, tomamos como exemplo o filme *Contra Todos* com roteiro e direção de Roberto Moreira e preparação de atores de Sérgio Penna.

Contra Todos traz no enredo o dia-a-dia de uma família de classe média baixa da periferia de São Paulo. Violência, mentira e traição são assuntos corriqueiros para esta família formada por uma adolescente (Soninha), um pai que por trás da fachada de homem religioso ganha a vida como matador (Teodoro) e a madrasta (Cláudia).

O roteiro de *Contra Todos* é resultado da tese de doutorado de Roberto Moreira defendida na Escola de Comunicação e Artes da USP. No entanto, o roteiro original sofreu várias modificações durante todo o processo de realização do filme, muitas delas vindas da contribuição dos atores. Uma contribuição que foi almejada pelo diretor-roteirista. Pois, desde os testes de seleção do elenco nenhum ator teve acesso ao roteiro original. Como diz Sérgio Penna, a construção das personagens foi feita literalmente na prática, cena após cena, improvisação após improvisação e os atores contavam apenas com as provocações, com referências, indicações e pistas para o desenvolvimento das cenas. Assim, nasceram as personagens, todos os diálogos e muitas cenas previstas no roteiro original sofreram alterações.

Uma das cenas reestruturada após as improvisações é a cena em que a personagem Cláudia, interpretada pela atriz Leona Cavalli, foge de casa e é encontrada por Waldomiro, sócio de seu marido. Segundo Roberto Moreira, esta cena possuía várias explicações no roteiro original, mas após assistir a improvisação dos atores, o diretor optou por alterar o roteiro.

Ao analisar o processo de preparação dos atores e a criação do filme, o que podemos observar é que tanto os atores quanto o preparador e a direção do filme estavam em busca de possibilidades de reações das personagens com o mundo exterior, numa busca não por respostas mas por possibilidades dramáticas.

Cada qual com seu procedimento, com sua proposta estética e, principalmente, com sua busca, os três filmes aqui apresentados, ressaltam a experimentação dando vazão a uma estética que está ainda sendo investigada, mas que, ao empregar o ator como co-criador em seu processo de criação, apontam para uma ruptura e um novo processo semiótico de criação para o cinema.

Bibliografia

ANTONIN, Artaud. **O Teatro e seu Duplo**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Linguagem e Vida**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____. **Ouvres Artaud**. França: Gallimard, 2004.

DELEUZE, Gilles. **A Lógica do Sentido**. São paulo: Perspectiva, 2003.

GROTOWSKI, Jerzy. **Em busca do Teatro Pobre**. São Paulo: Perspectiva, 1989.

MOREIRA, Roberto Franco. **Deus Contra Todos**. Tese de doutorado. Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, 2001.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1991.

RIBEIRO, Walmeri K. **À procura da Essência do Ator**. Dissertação de mestrado, Instituto de Artes da UNICAMP, 2005.

RICHARDS, Thomas. **At Work With Grotowski on Physical actions**. London: Routledge, 1996.

SALLES, Cecília Almeida. **Redes da criação: construção da obra de arte**. São Paulo: Horizonte, 2006.